



*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA *NEIGHBOURS* DE LÍLIA MOMPLÉ

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Rosilda Alves Bezerra

Lorraine Sobral Correia de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.8942026101

CAPÍTULO 2..... 14

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.8942026102

CAPÍTULO 3..... 20

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM *O RETRATO DO REI*, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia

DOI 10.22533/at.ed.8942026103

CAPÍTULO 4..... 32

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

João Batista Cardoso

Vera Lúcia da Rocha Maquêa

DOI 10.22533/at.ed.8942026104

CAPÍTULO 5..... 43

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

DOI 10.22533/at.ed.8942026105

CAPÍTULO 6..... 64

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8942026106

CAPÍTULO 7..... 74

O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: *A VIUVINHA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *A ABELHA* – VERDADE E CARIDADE

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

DOI 10.22533/at.ed.8942026107

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24.....	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25.....	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26.....	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	281
ÍNDICE REMISSIVO.....	282

CAPÍTULO 14

“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Andréia Maria da Silva

UFMT, Área de Concentração em Estudos
Literários, Linha de Pesquisa
Literatura e Realidade Social
(Cáceres - MT).
<http://lattes.cnpq.br/6430688417797585>.

Marinei Almeida

USP, docente da Universidade do Estado
de Mato Grosso (UNEMAT) e professora
colaboradora do PPGEL/UFMT
(Cáceres MT)
<http://lattes.cnpq.br/9246658373031683>.

RESUMO: esta pesquisa tem por objetivo apresentar um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada”, do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. Trata-se de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, na qual, a partir do mito de Pasárgada, criado pelo poeta brasileiro, em “Vou-me embora pra Pasárgada”, poema publicado na obra *Libertinagem* (1930), estabelecemos um diálogo entre Brasil e Cabo Verde na reflexão do gesto de “reinvenção” poética adotado por Osvaldo de Alcântara, no poema “Passaporte para Pasárgada”, publicado na obra *O cântico da manhã futura* (1946).

PALAVRAS - CHAVE: Manuel Bandeira, Osvaldo de Alcântara, Brasil, Cabo Verde, diálogos

literários.

“I’M GOING TO LEAVE TO PASÁRGADA” ANNOUNCING “THE SONG OF THE FUTURE MORNING”

ABSTRACT: this research aims to present a comparative study between the poem “I’m going to leave to Pasárgada”, by the Brazilian poet Manuel Bandeira and the poem “Passport to Pasárgada”, by the Cape Verdean poet Osvaldo de Alcântara. It is an eminently bibliographic research, through it, based on the myth of Pasárgada, created by the Brazilian poet, in “I’m going to leave to Pasárgada”, a poem published in the book *Libertinada* (1930), where were established a dialogue between Brazil and Cabo Verde in the reflection of the gesture of poetic “reinvention” adopted by Osvaldo de Alcântara, in the poem “Passport to Pasárgada”, published in the composition *The song of the future morning* (1946).

KEYWORDS: Manuel Bandeira, Osvaldo de Alcântara, Brazil, Cape Verde, literary dialogues.

Assim, partindo do pressuposto de que “todo produto é resultante de várias tradições, implicando sua constituição matérias diversas que se imbricam. Logo, um produto de natureza híbrida [...]” (ABDALA JUNIOR 2002, p.14), procuramos mostrar que o diálogo estabelecido entre o Modernismo Brasileiro e a literatura nacional de Cabo Verde, por meio da escrita poética de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara, é resultado dos constantes diálogos

que essas literaturas mantêm entre si. E, seguindo esse direcionamento nossa pesquisa insiste em dizer que os aspectos em comum na poesia de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara não se explicam simplesmente pelo fato dessas culturas terem processos de luta pela conquista da independência política e territorial parecidos, ou que a literatura nacional cabo-verdiana é mera reprodução do Modernismo Brasileiro. Os traços que aproximam essas literaturas são consequências do tão chamado “macrossistema” de língua portuguesa, no qual a produção literária também pode ser considerada, um produto mesclado. E, diante às inúmeras diferenças identificadas entre os poemas mencionados nesta pesquisa, podemos considerá-las responsáveis pela a individualização de cada um desses sistemas literários, quando compreendidas como fatores que particularizam e enriquecem uma dada produção artística ou literária, dentro da representatividade mundial.

A literatura nacional de Cabo Verde surgiu, segundo Baltasar Lopes em seu depoimento na segunda edição da revista *Claridade – revista de artes e letras*, publicada em 1936, data em que se comemora o quinquagésimo ano de publicação do primeiro volume da revista, com o objetivo de mostrar para o mundo “que Cabo Verde possuía uma personalidade autônoma bem caracterizada e diferenciada, que merecia um tratamento e um atendimento específico”. (LOPES 1986, p. XIV).

A revista “*Claridade*”, portanto, seria a voz que cantaria a tradição cabo-verdiana e toda a problemática presente no contexto cotidiano da gente do arquipélago, questões estas que, por muito tempo, foram silenciadas, um projeto que ultrapassou os limites literários se tornando também manifesto de reivindicação da independência política, pois “pela militância, expressa ou latente nas suas páginas, a acção da revista, e com ela, do grupo, configura-se bem como um movimento precursor da independência política [...]”. (LOPES 1986, p V). Ou seja, “*Claridade*” foi ao mesmo tempo grito e voz: grito em prol da independência cultural/intelectual e também política, uma maneira encontrada para expressar o povo e a cultura cabo-verdiana na sua individualidade e não como continuidade do modelo europeu e voz que anunciou tempos melhores, a partir do próprio título “[...] *Claridade*: luz que nasce, luz nova que alumina, que se rasga diante dos nossos olhos, e rasgando-se diante dos olhos desnuda as coisas novas, as coisas nunca vistas porque oculta na opacidade do lado de lá”. (FERREIRA 1986, p. LXV).

O desejo de transformação e o espírito revolucionário tomou conta dos jovens fundadores da revista, porém lhes faltava algo, a experiência, as ideias estavam postas, mas o grupo operante não sabia ao certo como os desenvolver, nesse momento surgiu a necessidade de buscar apoio em outros sistemas culturais, e assim o fizeram, procuraram amparo em outras literaturas de vários países, inclusive em autores da literatura brasileira e, sobretudo nas propostas do movimento do modernismo brasileiro para a construção da literatura nacional cabo-verdiana.

Esse despertar para a literatura do modernismo brasileiro foi um dos fatores que marca fortemente o surgimento da literatura nacional em Cabo Verde. Os precursores do

novo projeto literário cabo-verdiano objetivavam a recuperação e valorização da identidade do povo e da cultura das ilhas, e encontraram nos brasileiros exemplos de como fazer. Nessa nova roupagem literária, Cabo Verde passou a ser cantado “[...] como o espaço e o ambiente onde as árvores morrem de sede, os homens, de fome, e a esperança nunca morre [...]” (FONSECA E MOREIRA 2012, p.05).

Seja na estrutura, na temática ou na valorização da linguagem popular, de fato, o modo de escrita da produção literária dos modernistas brasileiros colaborou significativamente para a nova literatura de Cabo Verde, e em gesto de solidariedade, os escritores cabo-verdianos em torno de *Claridade* não se intimidaram em demonstrar tamanho apreço e gratidão a tão importante colaboração. E a partir desse momento diálogos entre Brasil e Cabo Verde começam a ser observados, como é o caso da correspondência entre Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara, a qual dedicamos de agora em diante através da leitura do poema “Vou-me embora pra Pasárgada” de Manuel Bandeira e também do poema “Passaporte Para Pasárgada” de Osvaldo de Alcântara.

Já de início é importante ressaltarmos que Pasárgada em diferentes contextos ou de um modo geral, se inscreve enquanto simbologia da liberdade, essa é uma assertiva que pode ser confirmada com base nas palavras de Santilli, quando a autora assegura que “[...] Pasárgada, signo do prazer sem sombras, o império ideal arquitetado-se por rarefação de compulsões: dos éditos da lógica e dos decretos da ética; dos espartilhos políticos e dos contrapesos sociais”. (SANTILLI 1994, p. 114).

Assim, em “Vou-me embora pra Pasárgada” observamos que Pasárgada surge enquanto campo de refúgio, um espaço criado no imaginário que concilia também temporalidades opostas, uma poesia que se constrói com imagens da rejeição de um presente hostilizado, de um passado feliz e de um futuro acolhedor.

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Pasárgada, além de “lugar amável”, é também campo de libertação. Evadir-se para Pasárgada significa a fuga de regras e convenções, a exemplo, podemos citar o sexo, pois através do discurso apresentado na estrofe acima, observa-se que a maneira de ter o sexo nessa cidade rompe com todos os *tabus* construídos tanto pela sociedade conservadora quanto pelas leis divinas, uma vez que mulheres e camas se encontram na mesma condição de fácil acesso. “Vou-me embora pra Pasárgada” é portanto, um grito que expressa o desejo de diversas formas de liberdade.

Pasárgada é terreno sem regras e sem limites, porém, trata-se de um universo particularizado com existência apenas no imaginário, isso é o que pode afirmar diante do discurso do eu poético na última estrofe do poema.

E quando eu estiver mais triste

Mas triste de não ter jeito

Quando de noite me der

Vontade de me matar

— Lá sou amigo do rei —

Terei a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.

Essa estrofe inverte completamente o discurso da estrofe inicial. Quando o eu poético confessa o desejo de fuga para Pasárgada em momentos de extrema tristeza, que atinge o ponto de querer tentar contra a própria vida, fica confirmada a ideia de que esse lugar só existe no imaginário de um sujeito em inconformidade com a vida no “aqui” e no “presente”. E quando esse estado de inconformidade atinge as linhas do limite, a vontade de fugir para Pasárgada é despertada como maneira de compensação das frustrações desse sujeito. E assim, Pasárgada, o “lugar amável” e campo de libertação que tanto desperta desejos se inscreve como mito. Podemos dizer mito porque segundo Mircea Eliade,

[...] o mito nunca desapareceu por completo: faz-se sentir nos sonhos, nas fantasias e nostalgias do homem moderno, e a imensa literatura psicológica habituou-nos a reencontrar a grande e a pequena mitologia na actividade inconsciente e semiconsciente de cada indivíduo [...]. (1957, p. 18).

Observa-se que o mito é um fenômeno que tem se manifestado e atravessado toda a história da existência humana. Eliade pontua que o mito se inscreve como forma de comportamento humano e elemento civilizatório, segundo o autor, o mito “[...] representa um certo modo de estar no mundo [...]”. Enquanto prática humana, o mito, por assim dizer, é uma das motivações que conduz o homem a continuar existindo no mundo.

Dialogando com Mircea Eliade, Abdala Junior assegura que o mito,

[...] é manifestação, assim de um *continuum*, que envolve historicidade e psiquismo humano. Todo mito, além de manifestar essa vontade de história, é também expressão de um drama humano condensado. E é por isso que

todo mito pode facilmente servir de símbolo de situações dramáticas que constituem paradigmas culturais. (ABDALA JUNIOR 2003, p.14).

Conforme as palavras de Abdala Junior, observamos que o mito tem se tornado um importante fenômeno que impulsiona e desperta o desejo do homem para continuação da vida futura e também como forma de libertação dos anseios que impedem o indivíduo de se realizar enquanto sujeito de sua própria história. Em relação ao espaço criado em “Vou-me embora pra Pasárgada”, podemos dizer que este se revela como mito do paraíso. O grito “Vou-me embora para Pasárgada” anuncia o desejo de fuga para outro lugar, assim como também o desejo de fuga da própria realidade. O desejo de ir embora para Pasárgada se inscreve, portanto, como utopia da vida humana, ou como aquilo que Abdala Junior conceitua como sendo o “sonho diurno”, uma vez que,

É o sonho de quem procura novos horizontes, um princípio de juventude – diremos, como em Ícaro, que revela a potencialidade subjetiva dos indivíduos. É olhando para a frente, sonhando com o futuro (o projeto intermediando o presente e o futuro), que se torna possível concretizar objetivos. (ABDALA JUNIOR 2003, p. 18).

Na fala do autor, nota-se que é a partir da utopia, na idealização de projetos futuros que a vida humana acontece. No caso de “Vou-me embora para Pasárgada”, é o desejo da vida futura e promissora na terra distante que ameniza a tristeza e o sofrimento vivenciados no “aqui” e “agora”. É o sonho de querer sempre recuperar a melhor fase da vida, libertando-se de regras, limites, privações e opressões que mantém o homem vivo. Assim “[...] temos em “Pasárgada”, um poema que é, ao mesmo tempo, particular e universal, que fala do anseio de evasão e também do eterno desejo de evasão do ser humano, da volta ao paraíso perdido, a uma idade de ouro [...]”. (JARDIM 2007, p. 128). O grito de desabafo que Manuel Bandeira expressou, por meio de um eu poético, se tornou um paradigma instaurado do incessante desejo humano de realização enquanto sujeito em outro lugar.

E é o espaço mítico de libertação, o desejo e o sonho contínuo em busca da realização do ser em outro lugar apresentados em “Vou-me embora pra Pasárgada” alguns dos fatores que fizeram o poema ganhar dimensão, tornando-se mote de criação para outros sistemas literários, como é o caso dos poemas do cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara que trazem o evasãoismo como tema, que veremos adiante.

OSVALDO DE ALCÂNTARA E A MATÉRIA DE SUA POESIA

“Passaporte para Pasárgada” é o poema introdutório do capítulo intitulado *Itinerário de Pasárgada* que constitui a obra *Cântico da manhã futura* (1986). Do mesmo modo que “Vou-me embora pra Pasárgada”, o poema tem como mote o desejo de fuga para o lugar distante como forma de sair do lugar indesejado e das frustrações de um “aqui” opressor.

Pasárgada não é lugar comum.
Lá quem manda é o Rei,
que é amigo dos horizontes
e ouve as cantigas que os meninos cantam
na Rua Direita e na Rua do Sol.
Quem tem ouvidos e oiça, que vá.
Os surdos não entram em Pasárgada.
Os surdos, entrego-os na misericórdia de Cristo,
que os há-de aperfeiçoar para a próxima reencarnação.
Nesta não entram em Pasárgada.
Já propus ao Rei que não concedesse o visto
a quem não foi à pedreira
arrancar uma pedra para Pasárgada.
Os surdos não entram em Pasárgada.
Oh! Rei! Pela tua magnificência,
concede mãos aos homens
para poderem ser cidadãos de Pasárgada.
Dá-lhes o martelo e a marreta das catedrais,
Para que a Poesia nasça das suas mãos!

O poema retoma o topos Pasárgada de Manuel Bandeira, mantendo principalmente o tema da evasão. O desejo de fuga para outro lugar nesse poema de Osvaldo de Alcântara também é decorrente da recusa do “aqui” e do “agora”.

Na primeira estrofe do poema, o eu poético apresenta Pasárgada, deixando claro que o território “não é lugar comum”. Trata-se de uma cidade específica e governada por um rei que se revela amigo da liberdade, e também daqueles que ecoam suas vozes em prol de novos ideais.

O interessante é que, nesse contexto, o “passaporte” se inscreve como objeto de ironia. Pensar o passaporte enquanto documento oficial emitido por um órgão público formal, o qual permite um visto para a movimentação de pessoas em territórios internacionais,

como condição para a entrada em Pasárgada se torna uma situação um tanto cômica, porque se estabelece a obrigatoriedade de ter em mãos esse documento, como exigência para entrada numa cidade que não existe.

Observa-se que essa “Pasárgada” passa ainda por processo de construção. O canto dos meninos da “Rua Direita e da Rua Sol” funcionam como uma espécie de chamamento, para que a futura cidade possa ser erguida, trata-se de um canto que vem a ser um manifesto estritamente relacionado à luta de uma coletividade pelos mesmos ideais, semelhante ao “grito do galo” apresentado no poema “Tecendo a manhã” de João Cabral de Melo Neto, que podemos observar abaixo.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

Nesse poema, o grito do galo se inscreve como forma de manifesto lançado com intencionalidade de convocação de um coletivo de galos para que juntos tornem possível o amanhecer. Nessa causa ocorre a necessidade da mobilização de outros galos, porque o grito de apenas um galo não promove mudanças. O galo surge no contexto desse poema como metáfora do homem, é o homem que necessita sempre de outros homens em práticas conjuntas para transformar realidades ou até mesmo para continuar existindo.

O convite em prol da construção da nova nação chega em forma de canto. Assim, no contexto desse poema, é importante que se discuta também a respeito do canto. Segundo Chevalier o canto é “símbolo da palavra que une a potência criadora à sua criação, no momento em que esta última reconhece sua dependência de criatura, exprimindo-a na alegria, na adoração ou na imploração [...]”. (CHEVALIER; GUEERBRANT 2000, p. 176). Podemos dizer que no poema o canto é o artifício que une o homem ao projeto de construção.

As vozes dos meninos cantores evocam a construção de uma nova nação, um

espaço a ser arquitetado com bases principalmente na liberdade e na pureza, uma vez que o menino ou a criança é, segundo Chevalier e Gueerbrant (2000, p. 302), a simbologia da inocência, a criança, de acordo com autor, é espontânea e não carrega pensamentos dissimulados, e essas são características que carecem ser levadas em consideração no planejamento da nação futura.

O discurso do poema também se encarrega de restringir a futura Pasárgada somente para aqueles que se permitam a ouvir e aceitar as propostas cantadas, pois segundo lemos:

Os surdos, entrego-os na misericórdia de Cristo,

que os há-de aperfeiçoar para a próxima reencarnação.

Nesta não entram em Pasárgada.

Nesses versos percebemos que a ironia com que os modernistas brasileiros estavam habituados a utilizar em suas construções também foi adotada por Osvaldo de Alcântara, são versos que atacam ironicamente os sujeitos que se mostram indiferentes às ideias que visam promover mudanças. Pensar os surdos apresentados no discurso desses versos é dizer sobre os indivíduos que permaneceram inertes durante a criação de projetos ou políticas desenvolvidas com o objetivo de libertar Cabo Verde das amarras do colonialismo, assim a falta de espírito colaborativo faz com que a cidadania em Pasárgada não seja concedida para esses sujeitos ditos “surdos”.

A ideia de criação de uma nova nação vem acompanhada da proposta de nacionalização da literatura cabo-verdiana, uma literatura livre das interferências da metrópole colonizadora e capaz de dialogar com a realidade do homem cabo-verdiano, atingindo assim os ideais criados pelos intelectuais do arquipélago que se reuniram em torno do projeto da revista *Claridade*. Dessa forma, a habitação em Pasárgada deve ser concedida somente para aqueles que se filiam a empreitas cujo objetivo é a criação. Os merecedores de residência na nova cidade são os sujeitos que ajudaram a construí-la.

Nos três versos finais da terceira estrofe, é apresentada uma proposta para a cidadania em Pasárgada, nela está estabelecida a regra essencial para que se tenha em mãos o desejado visto.

Já propus ao Rei que não concedesse o visto

a quem não foi à pedreira

arrancar uma pedra para Pasárgada.

É interessante pensar no fato de que é o eu poético quem estabelece a regra necessária para a cidadania em Pasárgada e não o rei, e assim surge a proposta de que o visto para Pasárgada não seja entregue para os indivíduos que não enfrentaram o trabalho

árduo na pedreira.

Desse modo, compreende-se que o passaporte para Pasárgada é a vontade ou o próprio desejo de trabalhar conjuntamente para a construção desse novo espaço, e só entra em Pasárgada aqueles que tiverem em mãos uma pedra que foi arrancada por meio do trabalho árduo. Pasárgada nasce do exercício com as mãos. Segundo Chevalier e Gueerbrant (2000, p. 589), mãos exprime ideia de trabalho, desse modo, a cidade futura cantada nessa poesia é o resultado de todo um processo de lapidação que transforma a pedra bruta em matéria de utilização. Isso é o que se observa quando lemos os versos abaixo:

Oh! Rei! Pela tua magnificência,

concede mãos aos homens

para poderem ser cidadãos de Pasárgada.

Dá-lhes o martelo e a marreta das catedrais,

Para que a Poesia nasça das suas mãos!

Pasárgada surge das mãos que dominam os martelos e as marretas da mesma forma como a poesia nasce das mãos dos poetas por meio do trabalho e manuseio com as palavras. Isso implica dizer que o espaço Pasárgada a ser construído é também o espaço da nova poesia e da nova literatura proposta por Alcântara e os demais autores que se filiaram à revista *Claridade*. Construir Pasárgada significa criar uma poesia e uma literatura que sirva de objeto para transformação da conscientização do homem cabo-verdiano, fazendo com que esse povo desperte o espírito revolucionário e passe a reagir contra as imposições do colonizador. Por meio da poesia, da literatura os poetas se tornaram vozes que reclamaram os direitos do povo colonizado, são vozes que transformaram a poesia enquanto manifesto de liberdade, como podemos ler nos versos abaixo:

Dá-lhes o martelo e a marreta das catedrais,

Para que a Poesia nasça das suas mãos!

Nessa estrofe temos o recurso da metalinguagem funcionando de maneira precisa, pois o discurso apresentado no último verso da estrofe discute sobre o fazer poético dos cabo-verdianos, clamando para a existência de uma poesia que se torne manifesto de resistência. A nova nação só pode ser criada pelo povo consciente, o povo que cria a poesia e a transforma em espaço também de libertação.

Como observado ao longo dessa discussão, não é somente a rejeição ao “aqui” e “agora” e a utopia de viver numa nação livre de opressões que aproximam a “Pasárgada”

de Osvaldo de Alcântara da “Pasárgada” de Manuel Bandeira, mas também o modo de construção da poesia nacional, porém, o poeta cabo-verdiano atribui uma nova roupagem para cidade “perfeita” e propõe a existência de um lugar bastante adverso ao apresentado pelo poeta brasileiro.

Pasárgada, nesse contexto, não é uma cidade pronta e acabada como a de Manuel Bandeira, não se trata de outra civilização, ela passa a ter existência no “aqui” e no tempo presente. Diferente do que acontece em Manuel Bandeira, o desejo de fuga para Pasárgada não é a vontade de um único indivíduo, “Passaporte para Pasárgada” é justamente um grito de resistência contra o individualismo cantado por Manuel Bandeira, quando o sonho da fuga para a terra distante atinge a coletividade.

Pasárgada será levantada sobre duas ruas a “Direita” e a do Sol. Trata-se de um espaço que se pretende construir livre de opressão, e para ser cidadão, nesse novo lugar, não basta apenas ser amigo de um rei que tudo permite, como acontece em Manuel Bandeira, a cidadania nesse novo espaço depende necessariamente de esforço e trabalho. Ir embora pra Pasárgada significa reconstruir a própria nação cabo-verdiana, é fazer parte de um coletivo movido pelo desejo de transformação, é tornar-se cidadão consciente da realidade que o envolve e promover mudanças como fizeram os escritores que desenvolveram o projeto da revista *Claridade* na intenção de reagir ao colonialismo. E, é nessa mesma esteira, que se encontra o segundo poema da coletânea.

A partir das análises apresentadas neste capítulo, percebemos que Osvaldo de Alcântara, por meio de seus versos, nos direciona para o contexto histórico do arquipélago cabo-verdiano com toda a sua problemática, enfatizando principalmente as consequências resultantes do regime colonialista instaurado em Cabo Verde. Na verdade ir para Pasárgada, em Alcântara, é como Ferreira (1989) assegura ao dizer que não se trata de um evasimismo com pretensão de fuga, mas remete a uma questão bem mais complexa em virtude da situação colonial. O pasargadismo, dito por Ferreira (1989) aponta para gestos de “protesto”, “desdém”, fuga da “erosão colonial” de modo a não se voltar contra a caboverdianidade.

O poema busca um diálogo com a construção da Pasárgada de Manuel Bandeira e assim aponta para novas possibilidades de construção, não somente do espaço cabo-verdiano, mas também para a nova literatura nesse arquipélago. Trata-se de uma proposta de construção sobre uma nação com emergência de transformação, construção poética que se revela como utopia de uma nação pós-colonial e que suscitam a importância do trabalho coletivo na execução de projetos revolucionários. Nesse sentido, entendemos que os traços de semelhanças entre literaturas distintas de um mesmo sistema linguístico é algo inevitável, devido aos contatos que mantêm umas com as outras. Nesse direcionamento, podemos dizer que os aspectos em comum na poesia de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara não se explicam simplesmente pelo fato dessas culturas terem processos de luta pela conquista da independência política e territorial parecidos. Os traços que

aproximam essas literaturas são conseqüências do tão chamado “macrossistema” de língua portuguesa, no qual a produção literária também pode ser considerada como um produto mesclado.

E, no que diz respeito às diferenças encontradas, é importante considerá-las como responsáveis pela individualização de cada uma dessas literaturas. As diferenças já discutidas anteriormente devem ser compreendidas como elementos que particularizam e enriquecem uma dada produção artística, dentro da representatividade universal.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e Ilhas** - Literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo: Senac, 2002.

_____. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.

ALCÂNTARA, Osvaldo. **Cântico da manhã futura**. Praia - Cabo Verde: Banco de Cabo Verde, 1986.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Humilde, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O cacto e as ruínas**. SP: Duas Cidades, 2000.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. **Itinerário de Pasárgada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Libertinagem. Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. **Poesia completa**. SP: Círculo do livro. S/d.

_____. **Poesia reunida e inéditos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Codecri,1998.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite e outros ensaios**. 2ª ed. SP: Atica,1989.

_____. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Fapesp, 2009.

_____. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 08. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

_____. **Modernismo**. 5. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1975.

_____. **Na sala de aula – Caderno de análise literária**. 3. ed. São Paulo: Ática, S/D.

_____. **O Estudo Analítico do poema**. 3ª ed. SP: Humanitas, 1996.

CARVALHAL, Tânia Franco. “Intertextualidade: a migração de um conceito”. IN: **Revista Via Atlântica**, nº 9, 2006a, p.125-138.

_____, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. – São Paulo: Atica, 2006b.

CLARIDADE, N° 2. São Vicente: Cabo Verde, 1936-1937.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. 70. ed. Lisboa: 1957.

LOPES, Baltazar. Depoimentos. IN: **Claridade: revista de arte e cultura**. 2. ed. Lisboa: África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

MACÊDO, Tania. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In: **Revista Crioula**. 5. ed. Universidade de São Paulo, 2009.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PONTIERO, Giovanni. **Manuel Bandeira: Visão geral de sua obra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020